

A GREVE GERAL

Goulart Gomes

A Greve Geral é obra registrada na Fundação Biblioteca Nacional, Escritório de Direitos Autorais sob num. 119.500, Livro 183, Folha 8, em 17/10/96.

ABELARDO I: Pelo que vejo o socialismo nos países atrasados começa logo assim... Entrando num acordo com a propriedade...

ABELARDO II: De fato... Estamos num país semicolonial...

ABELARDO I: Onde a gente pode ter idéias, mas não é de ferro.

ABELARDO II: Sim. Sem quebrar a tradição.

**O REI DA VELA
Oswald de Andrade**

"Não sou homem, sou dinamite..."
Friedrich Nietzsche

"Queremos ser uma alternativa para mostrar que, se ninguém mais resiste aos Estados Unidos, nós ainda tentamos. O problema é que ninguém sabe como."
Jean Baudrillard

PERSONAGENS:

ANATOLE, sindicalista

LUIZ, sindicalista

IVAN, sindicalista

JOSÉ, sindicalista

BILL, diretor da Capitalitex

SANCHEZ, diretor da Capitalitex

ROBERTA, diretora da Capitalitex

SEIS DEPUTADOS, três de partidos da esquerda (progressistas, socialistas) e três de partidos da direita (conservadores, neoliberais).

SECRETÁRIO

TRABALHADORES

PARTE 1

SALA DO SINDICATO. Uma sala com diversas bandeiras nas paredes, nas quais predomina a cor verde, com símbolos triangulares, chaves de fenda e enxadas cruzadas em X, que representam os partidos trabalhistas e sindicatos. Existe também um enorme e velho retrato emoldurado de um homem de barba desgrenhada, com uniforme de revolucionário, dependurado na parede. Numa mesa, ao centro, três homens sentados fumam e bebem o que parece ser vodka, enquanto conversam. Não há mais cadeiras. Ao canto, um caixote de madeira. Desenrolar-se-á o diálogo entre alguns líderes sindicais, a respeito da organização do movimento prestes a ser deflagrado.

LUIZ:

A terrível hora é chegada, Ivan
aquela que não desejamos
mas para a qual por um ano inteiro
nos preparamos

IVAN:

É sempre assim, Luiz
Não há possível diálogo
se um fala japonês
e outro, mandarim

JOSÉ:

É a eterna luta, que sempre dá
a vitória para o mesmo lado.
Mas eles não podem amordaçar
os vencidos, senão por algum tempo.

IVAN:

Engana-se, José. Ainda não há vencidos
tampouco vencedores,
ainda estão a rufar, os tambores.
Para tal é necessário
o total aniquilamento do oponente,
e esta glória, a nós pertence.
Quem luta, conquista: este é o lema
do Comitê Unificado Proletário.

LUIZ:

Ouçam o rugir das nuvens
e o levantar das marés.

A trepidação sob os meus pés
me diz que o terremoto está por vir.
A hora é chegada.
Por todos os cantos,
em todas as partes,
há revolta e indignação.
O limite da servidão humana
é a consciência da dignidade.

JOSÉ:

A mão que estreita nossas gargantas
já nos sufoca, Luiz.
Temos que tomar o poder
para entregá-lo a quem o merece.
Assim pensamos nós, da Força Proletária.

Chega Anatole.

ANATOLE:

Boa noite, senhores.

Os outros o olham com desdém e respondem mal-humorados, como que insatisfeitos com a sua chegada.

TODOS:

Boa noite.

IVAN:

Sente-se.

Anatole olha à sua volta e vê apenas um caixote onde pode se sentar. Apanha-o, senta. Sente algo beliscá-lo e levanta rapidamente, alisando as nádegas. Torna a sentar, acomodando-se.

ANATOLE:

Tenho notícias que a greve geral
não tarda a ser deflagrada, Luiz.

LUIZ:

Assim tem que ser, Anatole.
Há muito nós, do Centro Geral do Proletariado

trabalhamos com tal intuito.
A greve geral é o primeiro passo
para a construção do movimento
que colocará os trabalhadores
em seu devido lugar
e banirá quem os explora
para sempre

ANATOLE:

Dentre os trabalhadores que conheço,
de nenhum ouvi tal pensamento.
Pensei que buscávamos
melhores condições de trabalho...

*Os sindicalistas irão se erguer, no início de suas falas, passando a
caminhar em torno da mesa.*

LUIZ:

E quem quer a fatia
se pode ter todo o bolo!
Anatole, não seja tolo.
O que aqui se constrói é o futuro.

IVAN:

Não cheguemos a tanto.
Maiores salários, é o que eu digo.
Que importa quem oferece a ceia,
contanto que ela seja farta?
Nenhuma revolução me aguarda.
Não estou aqui para morrer
por causa alguma
nem que seja essa.
Um farto salário:
isto é o que interessa.

ANATOLE:

E as condições de trabalho?
O bem-estar do trabalhador?
A redução da jornada?
Continuaremos sendo mutilados
pelas mesmas velhas máquinas?
Continuaremos a perder nossos dias
e sacrificar nossas famílias
apenas pelo dinheiro?

JOSÉ:

Muito bem, Anatole.
Mas, precisamos do poder
porque é do alto que se toca as nuvens
e se enxerga o chão.
Nem o salário nem a revolução.
A greve deve legitimar a nossa força
e por as cartas em nossas mãos.
A empresa para os seus empregados!

ANATOLE, erguendo-se:

Não foi isso o que eu disse.
Apenas vejo dois cães em luta
arrancando-se os rabos do outro
sangrando até caírem desfalecidos.
É só o tempo de cicatrizarem-se
e novamente se atacam e se devoram
até que não reste senão
a carne viva, e dentes, e unhas,
e olhos que destilam veneno.
Nem Prometeu, nem Sísifo,
nem as Danaides
sofreram semelhante castigo.
Enquanto isto vêm os gatos
e roubam, sornateiros, a carne.
É assim que temos lutado.

LUIZ:

Meu pobre Anatole...
Tuas leituras têm lhe feito muito mal.
A seguir tuas idéias,
pararíamos na carrocinha.
Há uma greve lá fora
nascendo do fervor dos explorados.
Não me venha com tuas cachorradas.

IVAN:

Temos que construir o movimento
e seguir adiante das massas.
A geladeira cheia e o forno quente
são tudo que precisamos.
Nós somos a vanguarda da causa operária!

JOSÉ:

E o poder.
As jazidas de capitalita

**tem que ficar sob nosso controle
e não destes malditos empresários.
Toda propriedade é um roubo.
O que está sobre a terra e abaixo dela,
tudo que provém da Natureza
pertence ao povo proletário.**

LUIZ:

**O momento é propício.
Vamos ao povo, pela revolução!**

JOSÉ:

Pelo poder.

IVAN:

Por melhores salários.

Saem todos, arrastando Anatole pelo braço.

PARTE 2

SALA DA DIRETORIA DA COMPANHIA CAPITALITEX S/A.

Sala mobiliada com requinte, decoração moderna. Ao fundo, um aparelho de ar condicionado fará barulho continuamente. Três empresários sentados: Dois homens, que fumam charutos e bebem uísque, e uma mulher. Estão em volta de uma mesa com tampo de vidro ou granito.

SANCHEZ:

É como lhes digo.
Não há como evitar
que a greve geral aconteça.

ROBERTA:

Mas Bill, nada podemos fazer?
É tão grande assim a diferença
entre o que nos pedem os trabalhadores
e o que podemos ceder?

BILL:

Aí está o problema, Roberta: ceder.
Um pouco hoje, mais amanhã
e logo estaremos a obedecer
aos sindicalistas...

SANCHEZ, cinicamente:

Claro, Roberta, que não queremos a greve.
Ainda mais agora,
que os donos estão dispostos
a vender suas ações
a empresas estrangeiras.
Seria uma lástima!
A produção de capitalita
estratégica para o nosso país,
seria entregue às multinacionais.
Caso a greve se deflagre
a produção de capitalita
será reduzida.
Nossa companhia rapidamente
tornar-se-ia deficitária
suas ações despencariam.
Poderia ser vendida por uma bagatela.

BILL:

Claro que não queremos isto, Sanchez.
Evidente que tenho
muitos amigos no norte
interessados no negócio.
Mas nem por isso escarrarei
no prato em que jantei.
A questão aqui é outra

ROBERTA:

Para mim é a mesma.
Se podemos atirar pedaços
por que deixamos
cair apenas as migalhas?
Os famintos ameaçam
morder-nos os pés e
arrancar-nos as unhas.
A quem tudo isto interessa?

SANCHEZ:

A ninguém.
E que seria das empresas
de minha mulher
contratadas para serviços terceirizados
em nossa companhia,
se ela viesse a falir?
Seria o fim!

BILL:

E quem garantiria
o abastecimento de capitalita
a todos os pontos da nação,
senão uma empresa
compromissada com o seu povo?

SANCHEZ:

Que barulho ensurdecador é este, Bill?
É este ar condicionado?

BILL:

Sim, Sanchez.
Um *Conscious* novinho em folha.
Mas está com defeito,
não pára esta zoadinha infernal.
Vou desligá-lo.

Ergue-se e desliga o aparelho. A zoadá inicialmente desaparecerá, mas retornará em seguida, aumentando gradativamente.

ROBERTA: (Para si mesma)

Pobre alma humana,
refúgio de tudo que é torpe.
Que Midas cancerígeno este,
que transforma em podre tudo que toca.
(Para os outros)
Que prejuízo maior nos causaria:
abrir mão de algumas cédulas
em prol dessa gente
que vende a sua vida
e a sua liberdade
para poder sobreviver
e continuar se vendendo
ou perder pela falta de produção
e parada das máquinas
por tempo indeterminado?
Digam-me, senhores.

SANCHEZ:

O Destino é maior que nós, Roberta.
Há uma mão invisível
que rege o mundo dos negócios,
assim nos ensinaram.
Essa mão é mais forte e poderosa
que todos nós juntos,
que todos os trabalhadores juntos,
que todas as vontades.

BILL:

E podemos considerar-nos felizes
por saber que ela existe
e podermos seguir os seus desígnios.

SANCHEZ:

A greve geral é inevitável,
assim como a participação
dos nossos operários nela.
Não que o queiramos,
mas porque assim deve ser.

A zoadá do ar condicionado já está no máximo.

ROBERTA:

Não só no reino da Dinamarca
há algo de podre.
Exala daqui um odor tão fétido
que nem o mais vil dos homens
suportaria.
Mais pobres que os miseráveis
são aqueles que brincam com a sua vida.
Nada há que se faça
que lhes mude o raciocínio:
aprenderam a só pensar estimulados
pelo tilintar das moedas de prata.
Todo homem tem seu preço,
mas muitos são os que não valem
pelo que se paga.
Eu não tenho que fazer parte disso.
Com licença, senhores.

Roberta começa a retirar-se da sala.

SANCHEZ: (Com ar de enfado)

E esta maldita zoadá que não pára!

Roberta volta-se da porta e aponta o ar condicionado.

ROBERTA:

É o Consciencious, senhores, é o Consciencious.

Retira-se da sala. Entra o Secretário.

SECRETÁRIO:

Com licença, doutores.
Estão aí fora quatro homens do sindicato
que desejam lhes falar.

BILL:

Mande-os entrar.

Sanchez corre a esconder a garrafa de uísque. Mais uma vez vai até o ar condicionado, puxando o fio da tomada. Entram Ivan, José, Luiz e Anatole, por último.

BILL:
Boa tarde, senhores.

LUIZ:
Poderia estar melhor.

SANCHEZ:
Queiram sentar-se.

Sentam-se todos, exceto Anatole, que por não achar lugar ficará de pé, próximo à mesa.

BILL:
O que os traz aqui?

LUIZ:
A vontade do povo.

SANCHEZ:
E o que diz o povo?

JOSÉ:
Que é chegada a hora de lutar pelo que é seu.

BILL:
Não entendemos.
A companhia não tem sido
para os seus empregados
um segundo lar?
Sejam mais claros, por favor.

IVAN:
Nem todo teto que nos cobre
pode ser de lar chamado.
Nós somos a voz das massas,
seus legítimos representantes.
Lá fora um clamor se ergue,
todas as forças proletárias se levantam,
é chegada a hora da grande greve.
Em menos de vinte e quatro horas

**o país estará completamente paralisado
e nós, também,
a menos que nossas
reivindicações sejam atendidas.**

SANCHEZ:

E quais são elas?

IVAN:

Aumento de 100% nos salários...

JOSÉ:

...eleições diretas para a diretoria da companhia...

LUIZ:

**...e a constituição de uma Comissão de Fábrica,
que dirigirá a companhia
juntamente com o seu presidente.**

BILL:

Absurdo.

SANCHEZ:

Ridículo.

ANATOLE, impaciente:

**E a reintegração dos companheiros demitidos?
E os auxílios educacionais para nossos filhos?
E a creche? E as condições de saúde e segurança?
E nossa assistência médica?
Onde foram parar
as demais reivindicações dos nossos companheiros?**

LUIZ:

**Cale-se, Anatole.
Nós sabemos o que fazemos.**

IVAN:

**Não há nada que o dinheiro
não possa comprar.
Só isto nos interessa.**

A César o que é de César.

JOSÉ:

E ao povo o que é do povo.

ANATOLE:

Não só de pão vive o Homem.

(Enfia a mão no bolso e retira algumas moedas. Deixa-as na mão, espalmada, enquanto fala)

É este metal que os iguala.
Não se fala aqui do que necessita um Homem,
mas de quanto ele vale.
Um Homem, senhores, vale um Homem,
isto é o que ele vale, e nada mais.

(Atira as moedas ao chão; os diretores atiram-se ao chão para apanhá-las)

Lancem os dados sobre o sudário.
Repartam entre si o fruto do saque.
Não vejo aqui o menor vestígio de dignidade.
O que está em disputa não é o muito que se pede
nem o pouco que se quer conceder,
mas sim a medida da força entre o que corrompe
e o que se quer corromper:
o preço das almas
de quem já prostituiu o corpo.
Eu, vou embora.

Anatole retira-se. Os sindicalistas se levantam. O ar condicionado volta a fazer barulho, mesmo desligado da tomada.

LUIZ:

Não dêem ouvidos a ele.

BILL:

São os arroubos da juventude.

IVAN:

Ele anda lendo demais,
indo ao teatro.
Isto não é bom.

O saber amarga ao paladar
e azeda o indivíduo.

JOSÉ:

Põe-nos além da realidade.
Mas que zoadá é esta?

SANCHEZ:

É o *Conscious* (Aponta o aparelho).

BILL:

Mas, senhores, sentimos muito.
Não podemos atendê-los.
Cinco por cento é o máximo
que poderíamos conceder.
Os senhores sabem,
não é boa a situação
financeira da empresa.
Há comentários que pode ser vendida.

LUIZ:

Não precisamos de esmolas, senhor Bill.
Sabemos conquistar nossos direitos.
Nossos parlamentares não aprovarão
a lei que permite o investimento
de companhias estrangeiras
na extração da capitalita.

BILL:

É uma pena.
Nós estamos tão abertos ao diálogo...

IVAN:

Vamos embora.
Nada há além de lama, neste chiqueiro.
A categoria saberá lhes dar a resposta.

BILL:

Passem bem.

Os sindicalistas saem.

SANCHEZ:

E esta zoadá...

BILL:

É o *Conscious*.

PARTE 3

EM FRENTE AO PORTÃO DA COMPANHIA. Os sindicalistas chegam e encontram-se com o grupo de trabalhadores que aguardam notícias da negociação realizada. Anatole está entre eles. O público pode ser considerado como os demais trabalhadores que aguardam notícias.

TRABALHADORA:

**E então?
Acaso têm notícias
que tragam paz às nossas almas
e tranquilidade às nossas famílias?**

IVAN:

**Infelizmente, não.
Pior que o dos faraós,
duro é o coração dos nossos patrões.**

JOSÉ:

**De nada adiantaram nossas rogativas
e o leque de possibilidades que lhes oferecemos.**

LUIZ:

**Mostraram-se irredutíveis.
Não abrem mão de mais um centavo sequer.
Aderir à greve geral
é a nossa única alternativa.**

ANATOLE, surgindo dentre os demais trabalhadores:

**Será verdade, senhores?
Teriam os nossos dignos representantes
buscado alternativas
que evitassem esse confronto?**

IVAN:

**Bem sabes que sim, Anatole.
Estavas lá conosco.
De tudo que fizemos, tomaste parte.**

ANATOLE:

**Não é verdade.
Retirei-me quando não pude mais
suportar o que via.**

JOSÉ:

**Sim, companheiros, exatamente isto.
Anatole retirou-se,
como aos covardes é dado fugir.
Abandonou-nos e à categoria,
no clamor da luta!**

TRABALHADOR:

É verdade, Anatole?

ANATOLE:

**Não é a mim que deveis inquirir,
mas a eles.
Perguntai a eles sobre as nossas propostas
de redução da carga horária e dos salários,
para garantir nossos empregos,
se foi apresentada.
Perguntai sobre as cláusulas sociais,
nossos auxílios educacionais
e de saúde, se foram discutidos.
Perguntai sobre os nossos companheiros
anteriormente demitidos
por terem lutado por nós,
se alguém se preocupa com eles,
agora.**

TRABALHADORA:

**Que nos diz, Anatole?
Então não houve negociação?**

LUIZ:

**Não há possível diálogo
quando apenas um fala
e outro se nega a ouvir.
Ainda que façamos
soar as trombetas de Jericó
aos ouvidos daqueles malditos,
nada fará abalar as suas convicções.
Aquele que está sobre
o dorso do animal
não lhe pergunta se pesa,**

apenas cuida de cravar-lhe as esporas
e açoitar seu lombo
para que cumpra os seus propósitos.
Assim é.

IVAN:

Mas você, Anatole, parece
não estar a serviço da nossa causa.
Vejo-lhe apenas trazer a espada
e dividir o que antes se achava unido.
Por que procuras trazer
a dúvida onde há certeza
do que deve ser feito?

ANATOLE:

O que procuro, Ivan,
é não deixar que estes homens
sejam conduzidos ao precipício,
como uma manada cega
que nada vê.
A capitalita está se exaurindo.
Em breve a produção
será tão pequena
que nem compensará a extração.
Outros minérios substitutos surgem
e as empresas estrangeiras,
como uma matilha de hienas vorazes,
apenas esperam que a presa agonize
para lançar-se a ela,
roendo-lhe os ossos.
E nós, contribuindo para apressar nosso fim.

JOSÉ:

Tolices de um homem
que só enxerga o próprio umbigo.
Companheiros! É chegada a hora
em que algo maior que nós acontece
e nos chama à participação.
Os séculos de exploração
do homem pelo homem
estão chegando ao fim.
Não se trata apenas
de uma mera campanha salarial,
mas do passo decisivo
para a implantação
dos nossos ideais humanitários.
É chegado o momento

de transformar cada homem em uma arma.
O que está em jogo não
é apenas mais um mísero salário,
mas o nosso destino:
continuar a receber as sobras
do que ganham nossos exploradores
ou controlarmos e dividirmos, igualmente
o fruto do nosso trabalho.
A indústria para quem trabalha nela!

Ouvem-se vivas da multidão.

LUIZ:

E apesar de haver entre nós
indivíduos infiltrados
com o único objetivo de demover-nos
dos nossos ideais
(olha para Anatole),
não serão eles
que nos farão recuar.
Não se trata apenas
de pensar em nossos próprios bolsos,
mas de compreender a importância
de cada um em construir a revolução
que nos conduzirá
a uma sociedade mais justa e mais humana,
onde não haverá lugar
para os exploradores e seus lacaios.
(Olha de novo para Anatole).

A multidão volta a gritar.

IVAN:

Greve, companheiros.
Quem luta, conquista!

TODOS, exceto Anatole:

Greve! Greve! Greve!

ANATOLE:

Um momento.
Se é o desejo das massas,
Saberei me curvar.
Não serei eu a fruta podre

que põe as demais a perder.
Peço, entretanto,
uma única coisa:
não ouçam a mim,
apenas mais um dentre vós,
mas sim aos nossos representantes eleitos.
Vamos aos nossos deputados
e ouçamos o que eles têm a dizer.
É meu único pedido.
Eles, que vão aonde não podemos ir,
que tem informações
que fogem à nossa curta visão.
Que sejam eles
a voz da nossa consciência,
o farol em meio à tempestade
a nos dizer em que porto
devemos ancorar. Que me dizem?

LUIZ:

Está bem, Anatole.
Prorroguemos por mais um dia
a nossa decisão.
Amanhã cedo
procuraremos nossos líderes
e saberemos deles que caminhos tomar.
Ante os séculos de opressão
que temos sofrido,
um dia a mais não fará diferença.
Amanhã, a esta mesma hora,
estaremos aqui reunidos.
E viva a greve geral.

TODOS, menos Anatole:
Viva!

LUIZ:
Viva a revolução!

TODOS, menos Anatole:
Viva!

PARTE 4

SALA DOS DIRIGENTES DA COMPANHIA. No início da cena estão apenas BILL e SANCHEZ. Três deputados entrarão em cena, posteriormente.

BILL:

Tudo caminha melhor que o planejado, Sanchez.

SANCHEZ:

**A greve geral veio a calhar.
Era tudo que precisávamos.**

BILL:

**Pobres cordeiros,
oferecem à tosquia
até mesmo os seus lobos.**

SANCHEZ:

**Certamente nem precisaremos
mais realizar aquele "investimento"
junto aos nossos amigos do parlamento.**

BILL:

**De forma alguma!
Agora que as coisas se aceleram,
não podemos descuidar.
Não vamos por tudo a perder.
São grandes os interesses em jogo.**

SANCHEZ:

Que pretende fazer?

BILL:

**Convidei-os para uma reunião,
devem estar chegando.
Aqui acertaremos os últimos detalhes.**

SANCHEZ:

E a Roberta?

BILL:

Não saberá de nada, lógico.
Ela não compreende a coisa como nós.
Não sabe tirar vantagem das opiniões.
Não é todo dia que se acha
quem pague pelo que não vale nada,
senão para quem o tem.
Opinião é como bem de família:
só tem valor afetivo,
só presta para enfeitar estante.

Entra o Secretário.

SECRETÁRIO:

Com licença, doutores.
Os parlamentares chegaram.

BILL, com avidez:

Mande-os entrar, mande-os entrar.

Entram três homens elegantemente trajados.

BILL:

Bem-vindos, bem-vindos.
Queiram sentar.
Aceitam uísque?

DEPUTADO SOUZA:

Sim, obrigado.

Sanchez serve os cinco. A porta ficou entreaberta. Roberta, que ia passando, vê o que está acontecendo e fica ouvindo o que dizem.

DEPUTADO ASSIS:

E então, Mister Bill,
que notícias nos dá?

BILL:

As melhores. Como sabem,
mantenho permanente contato

com empresários do meu país
e as notícias da concessão
a firmas estrangeiras para a exploração
da capitalita
foram muito bem recebidas por lá.
Caso seja regulamentada no parlamento,
trará grandes investimentos
para o seu país.
Sabemos que existem novas reservas
a serem descobertas
e exploradas, o que compensará
o investimento a ser realizado.
Será aproveitado
o parque industrial já existente
minimizando os custos.

DEPUTADO PEREIRA:

Isto é ótimo.
Em todos os meus discursos
tenho afirmado o quanto
necessitamos do capital estrangeiro
para o desenvolvimento da nação.

SANCHEZ, sorrindo:

Claro, claro.

BILL:

Contudo, meu caro,
percebemos uma certa necessidade
de agilizarmos este processo.
O tempo ruge. Você sabe,
são muitos os países de terceiro mundo
em que se pode investir...
Não podemos ficar aguardando
indefinidamente...

DEPUTADO SOUZA:

Por isso nos chamou aqui?

SANCHEZ:

Lógico que não!
Ninguém melhor que os senhores,
dignos representantes do povo,
sabem atender aos seus anseios
e desempenhar o seu importante

papel.

BILL:

**Convidamos-lhes apenas
para lhes entregar isto.**

*Apanha, de uma a urna, três chaves de automóveis com brilhantes
chaveiros e entrega uma a cada um dos deputados.*

DEPUTADO PEREIRA:

O que é isto?

BILL:

**Uma pequena lembrança,
com o reconhecimento da matriz
da CAPITALITY UNION
aos bons serviços prestados pelos senhores
ao desenvolvimento da nação.**

DEPUTADO ASSIS:

**Ora, muito obrigado.
Não temos feito mais que o nosso dever.**

SANCHEZ:

E muito bem, diga-se de passagem.

BILL:

**É verdade...
Uma pena que alguns dos seus colegas não
compreendam a nossa importância
para a nação.**

DEPUTADO SOUZA:

Como assim?

BILL:

**Ora, estes ditos nacionalistas.
Eles nem sequer sabem
o que é melhor para a nação...**

SANCHEZ:

... e para eles próprios.

BILL:

Será que, de colega para colega,
os senhores não poderiam
conversar com eles?

SANCHEZ:

Mostrar-lhes as "vantagens" do negócio?

DEPUTADO SOUZA:

Não sei, é uma situação muito delicada...

BILL:

Que pena! E nós que temos
mais dez carros importados,
iguazinhos a estes que receberam,
enferrujando no pátio...

DEPUTADO ASSIS:

Mas não custa tentar.

DEPUTADO PEREIRA:

Falaremos com eles.

SANCHEZ:

Ótimo. Não é preciso
que façam coisa alguma,
apenas isto. Omitir-se, apenas.
Não estar nem de um lado,
nem de outro.
A sábia postura
de não querer se envolver
em coisa alguma,
como um filósofo hindu,
de pernas e braços
cruzados sobre o muro,
em absoluta paz mental...

DEPUTADO PEREIRA:

Claro, claro.

DEPUTADO SOUZA:
Saberemos convencê-los.

BILL:
Ótimo, conto com vocês.

DEPUTADO SOUZA:
A propósito, que zoadá é esta
que só aumenta
desde que chegamos?

SANCHEZ:
É o *Consciencious*
(Aponta o ar condicionado).
Está com defeito e ainda
não consegui reparar.

DEPUTADO SOUZA:
Ah!

Todos se erguem.

BILL:
Então, passem bem, senhores.

DEPS.:
Igualmente.
Roberta foge antes que saiam.

PARTE 5

PARLAMENTO. Conversam seis políticos: os três primeiros dos partidos de direita, que estiveram com os diretores, e outros três de partidos da esquerda.

DEPUTADO SOUZA:

Belo discurso
o que acaba de proferir,
caro colega,
apesar de não concordar
com a sua opinião.

DEPUTADO SILVA:

É de se esperar.
Não é à toa que somos
de partidos diferentes.

DEPUTADO SOUZA:

Mas são vários
os seus colegas de partido
que não pensam como você.

DEPUTADO SILVA:

Devem ter suas razões.

DEPUTADO SOUZA:

E boas.

DEPUTADO SILVA:

Quanto a mim, sei onde piso.
Não estou voltado
para interesses pessoais,
mas coletivos.

DEPUTADO SOUZA:

Nós também.

DEPUTADO MELO:

Certamente a outras coletividades.

DEPUTADO SOUZA:

Diga-me, colega, que vale mais:
o diamante lapidado
ou o anel dourado
que o sustenta?

DEPUTADO MELO:

O diamante, lógico.

DEPUTADO SOUZA:

Pois eu afirmo que nada seria
de um sem o outro.
Assim é com o universo
em que vivemos.
As coisas que aparentam
ser de menor valor
é que sustêm as mais importantes.

DEPUTADO SILVA:

Aonde quer chegar?

DEPUTADO SOUZA:

A fazê-los ver que as aparências enganam.

DEPUTADO ALMEIDA:

Isto é óbvio.

DEPUTADO SOUZA:

Agora mesmo: estamos às portas
de uma importante votação.
Mas temos que atender
à vontade do povo.
E o povo, coitado,
é como uma criança,
nem sempre tem noção
do que é melhor para ele.

DEPUTADO ALMEIDA:

A voz do povo é a voz de Deus.

DEPUTADO SOUZA:

Concordo. Mas Deus mantém-se afastado
dos negócios mundanos.
Com tantos bilhões
de planetas para cuidar,
tem mais com o que se preocupar
que com os nossos negócios.
E é um negócio o que lhes propomos.

DEPUTADO MELO:

Esta casa não é lugar para negócios.

DEPUTADO ASSIS:

Então, saiamos dela.

DEPUTADO SOUZA:

Calma. Deixem-me falar, ao menos.

DEPUTADO SILVA:

Prossiga.

DEPUTADO SOUZA:

Ora, nós sabemos
o quanto é importante
para a satisfação do eleitorado
de cada um de vocês
a aprovação de determinados
projetos.
Para você
(Aponta o DEPUTADO SILVA),
da bancada verde,
a lei que protege o santuário
ecológico das lontras cor-de-abóbora.
Para você
(aponta o DEPUTADO MELO),
Da bancada religiosa,
a verba que garantirá
a construção do maior templo do país.
Você, colega da bancada ruralista
(aponta o DEPUTADO ALMEIDA),
a distribuição de máquinas agrícolas
às cooperativas.
Proponho uma troca de favores,
entre cavalheiros.
Principalmente agora,

que estamos às portas das eleições.

DEPUTADO SILVA:

O que, exatamente?

DEPUTADO SOUZA:

Aprovamos tudo isto... em troca de nada.

DEPUTADO MELO:

Nada?

DEPUTADO ASSIS:

Nada!

DEPUTADO SOUZA:

Queremos apenas que se omitam.
E nem precisa ser publicamente.
Acima de tudo,
é preciso parecer honesto.
Continuem a proferir
seus discursos entusiasmados
e a xingar publicamente
os seus adversários.
Nada os incomoda.
Mas, na hora de votar, omitam-se!
Deixem que as empresas estrangeiras
que exploram a capitalita
comprem as nacionais.
Sejam mais liberais!

DEPUTADO ALMEIDA:

Não posso concordar.
Tenho que defender os interesses do povo!

DEPUTADO ASSIS:

Nós também! Mas, coitados,
se não sabem nem votar,
como podem decidir
o que é importante para a nação!
Vejam o caso da capitalita.
Quanto a nação não ganharia
com os investimentos estrangeiros!

DEPUTADO SILVA:

A capitalita, não!
É uma das maiores riquezas da nação.

DEPUTADO PEREIRA:

Há muito mais em jogo!
(Põe uma chave no bolso de cada um)
Além do mais,
caso venham a mudar de idéia
- e só os tolos não mudam –
é só proporem uma nova emenda...

DEPUTADO SOUZA:

Pensem nisso.
Vejam: aproximam-se os seus eleitores.
Já estávamos mesmo de retirada.

DEPUTADO ASSIS:

Sabemos que são homens inteligentes.
Voltaremos a nos falar. Com licença.

Chegam Ivan, José, Luiz e, por último, Anatole.

DEPUTADO ALMEIDA:

Boa tarde, amigos, que notícias trazem?
Como anda nosso movimento sindical?

JOSÉ:

Forte como nunca!

DEPUTADO MELO:

E a greve geral?

IVAN:

Em andamento.
É sobre isso que viemos lhes falar.

DEPUTADO MELO:

Pois falem.

ANATOLE:

Como bois ao matadouro
somos conduzidos.
De tudo que se pode
de errado fazer, vamos além.
Os algozes sorriem,
à nossa espera.

DEPUTADO SILVA:

A que ele se refere?

LUIZ:

Anatole é um homem de pouca coragem.
Nunca tamanha coincidência
de fatos nos foi tão favorável.
Nunca estivemos tão preparados
como hoje estamos.
A sonhada hora é chegada,
companheiros.

DEPUTADO SILVA:

Que hora?

JOSÉ:

A hora de banir do poder
os que nos exploram.

Os políticos entreolham-se, assustados.

LUIZ:

Estamos prontos
para aderir à greve geral
e empurrar à parede
nossos inimigos.
Acuados pela força maior
da nossa união
não terão alternativas
senão ceder.

ANATOLE:

Engana-se, Luiz.
A fera acuada é mais bravia.

Sem encontrar fuga,
lança-se ao caçador,
ainda que ambos
tombem sem vida.
E acontecerá.
Nesta luta sem classe
não há vencedores.
Nenhuma ditadura presta,
nem a do proletariado.

IVAN:

Vimos aqui para ouvi-los, companheiros.
Vocês, que melhor conhecem
os bastidores do poder,
que podem nos dizer?
É ou não chegada
a hora da virada?

Todos param por instantes, pensativos.

DEPUTADO SILVA:

Concedam-nos alguns instantes.

Chama à parte os outros dois colegas.

DEPUTADO SILVA:

Que acham?

DEPUTADO MELO:

Que nada poderia haver
de melhor em tal circunstância.

DEPUTADO ALMEIDA:

É tudo que precisávamos.

DEPUTADO SILVA:

A greve certamente levará
as companhias nacionais à ruína,
facilitando a sua compra.

DEPUTADO ALMEIDA:

E ainda colocará
toda a opinião pública
contra os trabalhadores,
pelo desabastecimento do mercado.

DEPUTADO SILVA:

Quanto a nós,
continuaremos respeitados
por nosso posicionamento,
sempre em defesa da causa operária!

Voltando-se para os sindicalistas.

DEPUTADO SILVA:

Companheiros, estamos com vocês.

LUIZ:

Viva!

Anatole sacode a cabeça, desesperado.

DEPUTADO MELO:

Faremos pronunciamentos
no parlamento
em defesa do movimento,
daremos entrevistas aos jornais
e à televisão, mostrando a importância
da greve geral.
Estaremos presentes nos palanques,
nos piquetes,
nas passeatas.
A causa operária é a nossa causa.
É nosso dever defender
os interesses daqueles que nos elegeram.

LUIZ:

Muito bem.
Era tudo que precisávamos ouvir.

IVAN:

Está satisfeito, Anatole?

ANATOLE:

**Chamem o carrasco.
A guilhotina está armada
e acabamos de por nela nossas cabeças
e as daqueles que nos acompanham.
Não há mais o que fazer.
Deus permita que eu esteja errado, Ivan.**

JOSÉ:

**Ora, não seja tão trágico.
A luta está ganha.
Comecemos já a realizar
o planejamento de nossos próximos passos.
Temos muito o que fazer.**

IVAN:

**Mas antes voltemos à assembléia.
Comuniquemos à categoria nossas decisões.**

Saem todos. Estoura a greve.

PARTE 6

Sala dos diretores da companhia. Conversam Bill e Sanchez. Após, chegará Anatole. Mais uma vez fumam charuto e bebem uísque.

SANCHEZ:

Tudo conforme o planejado, hem, Bill?

BILL:

Sim, Sanchez.

Nossos amigos do parlamento conseguiram convencer seus colegas sobre as vantagens de colaborar com os nossos objetivos.

SANCHEZ:

Lógico. Todos sairemos ganhando. Sabe, Bill, às vezes me questiono se é mais vil o metal ou quem dele faz uso. Quanto proveito temos tirado do poder do dinheiro, quantos temos comprado, corrompido, subornado...

BILL:

Nem o metal, nem quem o utiliza. Vil, meu caro Sanchez, é quem o recebe. Observe: se você vai à feira e quer bananas, mas só encontra laranjas, você as leva?

SANCHEZ:

Claro que não.

BILL:

Então para nada serviu o seu dinheiro, nem o seu desejo. Mas se há quem as venda e,

ainda mais, uma única pessoa a vendê-las,
o que você faz?

SANCHEZ:

Pago por elas o quanto pedir.

BILL:

Assim é. Não houvesse os que se vendem,
não haveria os que compram.
É simples. Portanto,
Não atribua a si a culpa,
mas aos que se mercam.

Entra o Secretário.

SECRETÁRIO:

Com licença, doutores.
Está aí um homem do povo,
de nome Anatole,
que deseja lhes falar.

BILL:

Deve ser o tolo amigo dos sindicalistas.
Mande-o entrar.

Entra Anatole.

ANATOLE:

Com licença, senhores.

SANCHEZ:

Em que podemos ajudá-lo, jovem?

ANATOLE:

Venho em busca de uma alternativa
para a greve que já dura três semanas.

SANCHEZ:

Veio em nome dos trabalhadores?

ANATOLE:

Vim em nome da minha consciência.
Não é possível continuar
este combate fratricida.
Nas casas já não há mais comida.
Pai está contra filho,
mulher contra marido,
irmão contra irmão.
E não se vê luz no fim do túnel.
Que queda-de-braço é esta?
Não é para isto que se prestam
as mãos.

SANCHEZ:

Mas nós temos feito todo o possível!
Apresentamos uma proposta
que atinge o limite
das nossas possibilidades.
Mais que isto lançaríamos
a empresa na falência.

BILL:

Aliás, já não é boa a situação da companhia.
Você sabe, há vinte dias
nada se produz.
A população clama por uma alternativa.
Carregamentos de importações
tem sido enviados
por nossas concorrentes do exterior,
mas não tem sido o bastante.
Estamos por um fio.

ANATOLE:

E vamos nos afogar
na poça do nosso próprio sangue?
O que será de todos estes homens
se perderem seus empregos?

BILL:

Ora, Anatole, os tempos são outros.
Não ouviu falar que estamos
na era do fim do emprego?
Talvez seja até melhor
para a maioria deles.
O que prevalece, hoje, são as microempresas.
Cada trabalhador é um empresário em potencial,

cada um, um senhor de capital.

ANATOLE:

Mas se todos vendem,
quem haverá de comprar?
Voltaremos, acaso, aos tempos do escambo?

BILL:

A Natureza é cíclica. Talvez.
Mas não se aflija por tão pouco.
Há uma mão invisível
que rege o mercado.
Com o tempo, tudo se arranjará.
Além do que, para os bons trabalhadores,
como você,
sempre haverá emprego.
Compreendo a sua aflição,
mas para que fique mais calmo,
faremos uma proposta.
Mais que isto, uma promessa!
Haja o que houver,
nesta empresa sempre haverá
um lugar para você...
e talvez até melhor
do que seu atual cargo.
Portanto, tranquilize-se.
Vá para casa e deixe
que as coisas aconteçam naturalmente.
Não se preocupe tanto
com os outros...
a sua parte está garantida.

ANATOLE:

Certamente, na Idade da Pedra,
nossos ancestrais trocavam
até suas fêmeas
por uma caverna
aconchegante, no inverno.
Adão trocou o paraíso por uma maçã.
Esaú trocou a primogenitura por um prato de lentilhas.
Por trinta moedas foi trocado um homem santo
e como sempre temos que achar culpados,
acusamos ora a serpente, ora os judeus.
Por serem intangíveis
certos bens não tem preço,
por isso podem ser trocados
por dezenas de moedas

ou por milhões.
Honestidade, lealdade, dignidade
são valores que não possuem bolsa,
não se grita nos pregões.
Apenas quem as traz
sabe da valia que tem... ou não.
O homem que se vende
não vale o que recebe;
o homem que compra n
ão recebe o objeto pelo qual pagou,
apenas o destrói. Apenas destrói-se.
Agora entendo porque
o preço da Liberdade
é a eterna vigilância:
é um bem tão precioso
que quem o conquista deve estar atento,
pois há um ladrão atrás de cada poste,
pronto a roubar-lhe.
Não vim aqui para vender a minha.
Não há dinheiro que possa
pagar o que não tem preço.
Perdão, senhores.
Volto para minha pobre gente.
Que Deus tenha piedade de nós.
(Retira-se)

BILL:

Impulsivo, este rapaz, não acha, Sanchez?

SANCHEZ:

Muito, Bill. Faz mais barulho que o *Consciencious*.
Acho que teremos de silenciá-lo.

PARTE 7

Assembléia dos trabalhadores em greve, junto ao portão de entrada da companhia. Roberta entra em cena, procurando pelos sindicalistas, com o objetivo de demovê-los da idéia de continuar a greve.

ROBERTA:

Boa tarde. Procuo os líderes do movimento.

JOSÉ:

Aqui não temos líderes, apenas porta-vozes da coletividade. O que deseja?

ROBERTA:

Alertá-los.

JOSÉ:

Contra o que?

ROBERTA:

Para o engodo em que caíram. Tudo isto é uma trama. Todos vocês foram levados a cumprir papéis escritos por outrem. E como quem escreve a peça cria as personagens para agirem ao seu bel-prazer, assim vocês tem seguido este trágico roteiro.

IVAN:

E quem escreveu este roteiro?

ROBERTA:

Bill e Sanchez, os diretores da companhia.

IVAN:

Espere. Agora lhe reconheço. Você também é da diretoria, Roberta.

ROBERTA:

Sim. E por isso mesmo
posso assegurar-lhes o que digo.

LUIZ:

E quem nos garante que
você diz é verdade?
Como podemos saber
se não se trata de um blefe
para fazer fraquejar
nosso movimento?
Veja todos estes homens.
Há um mês que não sabem
o que será do seu futuro.
Entretanto, nenhum deles
proferiu um murmúrio,
nenhum ousou sequer pensar em desistir.
Todos sabem que são
importantes para a construção
dos nossos ideais.

ROBERTA:

E que seria dos homens
sem seus ideais, meu amigo?
Seres sem vida,
autômatos se arrastando sob o sol.
Mas não permitam que os seus ideais
sejam utilizados para outros fins.
Sobre os seus sonhos outros
constroem pesadelos.
Aqueles a quem vocês
chamam de companheiros
e que foram por vocês eleitos
para defender seus interesses
lhes traíram.
A companhia será vendida
e muitos serão demitidos.

Chega um trabalhador, esbaforido.

TRABALHADOR:

Luiz, chegam notícias
de que a greve geral está acabando.
As demais categorias

não suportam mais
a intransigência dos patrões.
O emprego está ameaçado;
há uma legião de desempregados
prontos a ocuparem os nossos postos.
A fome já tomou conta dos lares.
Temos que recuar.

LUIZ:

É tarde demais para atrás voltar.

JOSÉ:

Ora, Luiz, dois passos para frente
e um para trás:
assim se fazem as revoluções.

TRABALHADORA:

Luiz, soubemos agora
que a companhia será vendida.
Os atuais proprietários não suportaram
tantos prejuízos
e consideraram que é melhor
perder parte a perder tudo.

ROBERTA:

É tarde demais para qualquer coisa.
Está tudo consumado.

IVAN:

Enrolem as bandeiras. Vamos para casa.

Uma multidão começa a aglomerar-se à volta dos sindicalistas. Anatole chega, já sabendo das notícias.

ROBERTA:

Eu soube da sua ida à companhia, Anatole.
Imaginei que buscava alguma alternativa
e quis ajudar.
Vim até aqui para tentar
convencer seus amigos,
mas cheguei tarde demais.

ANATOLE:

Estes não são amigos
senão dos que pensam como eles.
Amigos são os que sabem
discordar sem desrespeitar,
aqueles que sabem que as pessoas n
ão são melhores nem piores,
mas apenas diferentes.
Resta-nos o consolo de ter tentado, Roberta.

Surge ao portão da companhia o Secretário, que trará as notícias da diretoria.

SECRETÁRIO:

Acalmem-se. Calma.
Por favor, acalmem-se senhores.
Tenho aqui comigo um informe
da nova direção da companhia,
dirigido a todos os trabalhadores. Queiram ouvir, por favor:

Nós, novos proprietários da companhia CAPITALITEX, agora subsidiária da Capitality Union, fazemos saber à coletividade dos empregados as seguintes decisões:

- 1o.) Serão mantidos nos seus cargos os atuais diretores da companhia, doutores Bill e Sanchez, por seus méritos na condução dos interesses gerais.*
- 2o.) Será ampliada a proposta inicial de reajuste salarial, em cinco para cinco e meio por cento, bem como as demais cláusulas acordadas.*
- 3o.) Para iniciar a recuperação das perdas obtidas com a paralisação e ajustar a companhia à nova realidade do mercado globalizado, competitividade e exigência da qualidade em nossos produtos e serviços, será realizada uma redução de trinta por cento no nosso quadro de empregados. Os nomes dos empregados dispensados serão divulgados gradativamente. A partir de hoje podem considerar-se demitidos: Roberta Campbell, Anatole Rouen, José Petrovitch, Luiz Gilles e Ivan Martinez, que não mais terão permissão de acesso à companhia. As atividades serão retomadas amanhã, pelo que estamos convocando todos os trabalhadores a comparecerem no horário habitual de trabalho.*

IVAN:

A nossa covardia foi a nossa derrota.
Deveríamos ter persistido, ainda que sozinhos.

JOSÉ:

**Nem todos têm a fibra necessária.
Poucos são os que sabem lutar.**

LUIZ:

**Sim, infelizmente ainda temos
entre nós muitos Anatoles,
cânceres que corroem
a mais sadia das carnes.**

ANATOLE:

**Que está dizendo, Luiz?
Acaso não estive eu aqui, com vocês,
ombro a ombro, todos os dias?**

LUIZ:

**Sim, mas também estiveste na companhia,
conversaste com os diretores.
Com que propósito?
Certamente cuidavas
em destruir o que aqui construías.**

ANATOLE:

Está louco!

Tenta retirar-se. Os outros trabalhadores o cercam.

IVAN:

Sim, Anatole. Quer que lhe agradeçamos a nossa derrota?

JOSÉ:

**Sua própria amiga lhe traiu, Anatole.
Ouvimos de sua boca, aqui, a sua traição.
Se há um culpado, Anatole, é você.
Algumas centenas de pais não
terão sequer um pedaço de pão
para por na boca dos seus filhos,
graças à sua covardia.**

ANATOLE:

Não. Não sabem o que dizem!

LUIZ:
Toma isto, Anatole. (Soca-o) É o preço da tua traição.

IVAN:
Recebe a tua cota (Chuta-o).

JOSÉ:
Esta é a parte que te cabe (Soca-o).

Os trabalhadores se juntam em torno de Anatole e começam a espancá-lo. Roberta grita e tenta impedir, enquanto Anatole clama inocência. Cai ao chão e é massacrado. Roberta finalmente consegue afastar os trabalhadores.

ROBERTA:
Parem, parem, assassinos, monstros.
Saiam daí.
(Empurra os homens, toma nos braços Anatole, que agoniza)
Pobre Anatole. Será este o fim de todo justo?
Não há luz para os que buscam a verdade?

ANATOLE:
Ah! Roberta. Incomensurável
é a maldade humana.
Por isso os deuses se apiedam de nós.
Não precisamos de algozes;
o nosso egoísmo é o que nos corrói.

ROBERTA:
Caro foi o preço que pagaste.

ANATOLE:
Nada paguei, porque nada recebi.
Tivesse valido de alguma coisa o meu esforço,
morreria em paz.
Fui idiota ao pensar
que sozinho poderia mudar
o mundo;
talvez também eu tenha sido egoísta.
Laissez faire...

ROBERTA:

Esta é a nossa natureza.

ANATOLE:

Não por muito tempo.

Esta é uma lição
que se aprende a duras penas.
O que vale não é ter lutado
a boa batalha,
mas aprender a conquistar
sem precisar dela.

Os interesses são diversos.

Apenas quando aprendermos
que somos uma só carne,
suor e sangue conseguiremos somar,
porque saberemos dividir.

Aí, então, eu sei, terá valido a pena.

Anatole morre. Roberta beija-lhe as mãos. Os trabalhadores apanham o seu corpo, enrolam em uma bandeira e retiram-no.

PARTE 8

O ambiente retrata uma festa realizada na sala da diretoria da companhia. Estão presentes Bill, Sanchez, Ivan, José, Luiz, todos os deputados e mais alguns trabalhadores. Na mesa, várias iguarias e garrafas de uísque. Todos estão bem trajados (fraques, smokings, ternos) e fumam charutos. O Consciencious volta a fazer barulho.

JOSÉ:

Três meses já se passaram desde o fim da greve, Ivan.

IVAN:

É verdade, José. O tempo voa.

DEPUTADO SILVA:

Felizmente, graças às exigências dos nossos companheiros e às nossas interferências junto aos dirigentes da companhia, vocês conseguiram ser readmitidos.

DEPUTADO MELO:

E até promovidos!

LUIZ:

É verdade, deputado. Agora temos maior discernimento para considerar nossos erros.

BILL:

Boas falas. Mas, compreendemos: Arroubos da juventude.

SANCHEZ:

É conversando que a gente se entende, Luiz.

DEPUTADO SOUZA:

Então, façamos um brinde: à paz, ao diálogo e aos homens de boa vontade.

DEPUTADO ASSIS:

Pois é dando que se recebe...

DEPUTADO ALMEIDA:

E este barulho, o que é?

DEPUTADO PEREIRA:

O Consciencious
(aponta o aparelho),
que não pára
(todos passam a mão na cabeça).

BILL:

Um brinde: à Democracia,
onde há liberdade de expressão,
onde todos os homens são iguais
e tem as mesmas oportunidades.

TODOS:

À Democracia! Tin-tin.

Roberta surge em primeiro plano e fala ao público, enquanto os demais continuam em sua comemoração, sem notarem a sua presença.

ROBERTA:

O que aqui se viu, senhores,
é pura ficção.
Tais coisas não acontecem
aí aonde vocês estão,
na dita vida real.
Tudo isto se presta apenas
para que estejamos alertas e não
imitemos, na realidade, a ficção,
pois a vida tem o mau hábito
de imitar a arte.

Retira-se.

FIM